

**O GAROTO
SELVAGEM E O
DR. JEAN ITARD**
HISTÓRIA E DIÁLOGOS
CONTEMPORÂNEOS



Série Desenvolvimento Humano e Práticas Culturais

Organizadoras

Ana Luiza Bustamante Smolka

Ana Lúcia Horta Nogueira

Conselho Editorial

Bader Burihan Sawaia

Gilberta Januzzi

Maria Cecília Rafael de Góes

Marta Kohl de Oliveira

Regina de Assis

Zilma Moraes Ramos de Oliveira

LUCI BANKS-LEITE
IZABEL GALVÃO
DÉBORA DAINÉZ
(ORGANIZADORAS)

**O GAROTO
SELVAGEM E O
DR. JEAN ITARD**
HISTÓRIA E DIÁLOGOS
CONTEMPORÂNEOS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O Garoto selvagem e o Dr. Jean Itard : história e diálogos contemporâneos / Luci Banks-Leite, Izabel Galvão, Débora Dainez, (organizadoras). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2017. – (Série Desenvolvimento Humano e Práticas Culturais / organizadoras Ana Luiza Bustamante Smolka, Ana Lúcia Horta Nogueira)

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN: 978-85-7591-502-8

1. Crianças selvagens 2. Educação especial 3. Ensaio – Coletâneas
4. Itard, Jean Marc Gaspard, 1775-1838 5. Menino selvagem de Aveyron 6. Pedagogia I. Banks-Leite, Luci. II. Galvão, Izabel. III. Dainez, Débora. IV. Smolka, Ana Luiza Bustamante. V. Nogueira, Ana Lúcia Horta. VI. Série.

17-09326

CDD-371.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Selvagem do Aveyron : Aspectos históricos e debates : Educação especial 371.9

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

trabalhos técnicos de informática (textos de J. Itard): Roberta Pozzuto

tradução dos escritos de Jean Itard: Maria Ermantina Galvão

revisão técnica da tradução: Luci Banks-Leite e Izabel Galvão

revisão geral: Luci Banks-Leite e Débora Dainez

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

NOVEMBRO/2017

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

METASOLUTIONS GRÁFICA

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Sumário

Parte I – Ensaios

O SELVAGEM DO AVEYRON:
ASPECTOS HISTÓRICOS E
DEBATES PARA O SÉCULO XXI. 9

*Luci Banks-Leite e
Izabel Galvão*

O SILÊNCIO DO *HOMEM NATURAL* 21

Carlos R. Luis

O PROJETO CIENTÍFICO DE EDUCAÇÃO
DO SELVAGEM DO AVEYRON:
PERSPECTIVA HISTÓRICA E REFLEXÕES
PARA O PRESENTE 41

Luci Banks-Leite

A EDUCAÇÃO DE VICTOR DO AVEYRON:
DO ISOLAMENTO DA FLORESTA AO
ISOLAMENTO EM SOCIEDADE 65

*Izabel Galvão e
Heloyza Dantas*

O SELVAGEM PODERIA TER FALADO? OU DAS CONDIÇÕES ESTRUTURAIIS DE UMA EDUCAÇÃO	79
--	----

Leandro de Lajonquière

ITARD E VIGOTSKI: UM DIÁLOGO POSSÍVEL?	101
---	-----

Ana Luiza Bustamante Smolka e

Débora Dainez

OLHARES CRUZADOS SOBRE A EDUCAÇÃO DE UM JOVEM SELVAGEM: ITARD (1801) – TRUFFAUT (1970)	125
--	-----

Anne Coliot-Lété e

Sophie Lerner-Seï

Parte II – Escritos de Jean Itard

MÉMOIRE – DA EDUCAÇÃO DE UM HOMEM SELVAGEM OU DOS PRIMEIROS DESENVOLVIMENTOS FÍSICOS E MORAIS DO JOVEM SELVAGEM DO AVEYRON.	161
--	-----

RELATÓRIO FEITO À SUA EXCELÊNCIA O MINISTRO DO INTERIOR SOBRE OS NOVOS DESENVOLVIMENTOS E O ESTADO ATUAL DO SELVAGEM DO AVEYRON.	217
---	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	267
--------------------------------------	-----

SOBRE OS AUTORES.	277
---------------------------	-----

Parte I
ENSAIOS



O selvagem do Aveyron: aspectos históricos e debates para o século XXI

Luci Banks Leite

Izabel Galvão

Há quase duas décadas, publicamos pela Editora Cortez, “*A educação de um Selvagem; as experiências pedagógicas de Jean Itard*” (2000), contendo textos a respeito de um jovem com características muito peculiares, que se tornou conhecido para além de seu tempo graças aos escritos de muitos autores, particularmente, os do médico-pedagogo que procurou educá-lo. As repercussões das duas edições desse trabalho junto aos pesquisadores de várias áreas e o interesse despertado, sobretudo, nos profissionais do campo educativo, apontou para a necessidade de novos estudos sobre questões relacionadas aos variados temas desencadeados a partir da leitura dos escritos de Itard, razão pela qual foi organizado este segundo livro. Seguindo o modelo do precedente, é composto por ensaios de pesquisadores do Brasil e do exterior, além de apresentar os dois famosos textos de Itard: o *Mémoire* de 1801 e o Relatório de 1806. Estes, primorosamente redigidos, tratam de uma condição em si mesma perturbadora – a de crianças que, tendo permanecido isoladas, fora do contato humano, se tornaram conhecidas como

selvagens –, bem como dos esforços despendidos pelo dr. Itard na tentativa de educar este garoto que recebeu o nome de *Victor*.

Ao longo da história e até os dias atuais, muitos são os indivíduos encontrados em condição “selvagem”, vivendo em total abandono, fora de um meio civilizado. O aparecimento desses seres, geralmente crianças, e as hipóteses e interpelações por eles suscitados, se de um lado mobilizam os saberes de uma época no afã de compreendê-los, de outro, geram discussões que abalam ideias e convicções já estabelecidas, por representarem verdadeiros “enigmas” a serem decifrados.

Em extensa pesquisa antropológica, Strivay (2006) repertoria mais de uma centena de casos de jovens que viveram em diferentes épocas e lugares do mundo, em situação semelhante à do menino do Aveyron. Nesse estudo, ela expõe alguns desses casos, inicialmente associados a mitos – mitos das origens, mitos de fundadores. Com o estabelecimento das ciências e do projeto enciclopédico que procurou separar as conquistas científicas dos relatos de cunho mais literário, foram se constituindo, pouco a pouco, como *objeto de conhecimento*, afastando-se, portanto, das fábulas ou ficções. Entende-se então, porque, durante o século XVIII – Século das Luzes –, Lineu conferiu um lugar para esses seres, em sua taxonomia, criando a categoria de *homo ferus*, bem como o interesse que os denominados “meninos-ursos” despertaram em renomados filósofos como Rousseau e Condillac.

É no momento do Iluminismo tardio, em janeiro de 1800, que aparece, nos limites de um bosque do sul da França, um jovem, aparentando ter de 12 a 15 anos; é mudo e só emite grunhidos e possui uma locomoção próxima a de um galope. Seu aparecimento provoca imediata repercussão

entre a população local que corre para saciar a curiosidade despertada por esse ser extraordinário. E é aí mesmo, no Aveyron, distante da capital, que um professor de História Natural – o Abade Bonnaterre, trabalhando na Escola Central de Rodez para onde o garoto fora enviado, interessa-se em observá-lo, o que resultou em um relatório que assinala as características e hábitos do jovem (Bonnaterre 1800 [2004]). Foi também pelas mãos deste professor que o selvagem chegou a Paris, em agosto de 1800, por ordem do Ministro do Interior, sendo lá recebido no Instituto Nacional dos Surdos-Mudos (*Institution Nationale des Sourds-Muets*), dirigido então pelo Abade Sicard. Este participava de um grupo de efêmera existência, a *Société des Observateurs de l'Homme* (1799-1804), que congregava homens ilustres daquele momento – naturalistas, filósofos e médicos – cuja finalidade era, segundo seu secretário, “coletar uma grande quantidade de fatos, ampliar e multiplicar as observações”, para assim, “alcançar um conhecimento aprofundado do homem” (Jaufret 1875 [1994, p. 54]). Entre os membros desse grupo, encontrava-se Philippe Pinel, já bem conceituado como especialista em “doenças mentais”, e o jovem Itard.

Nessa Sociedade, Pinel apresentou um relatório, fruto de exame efetuado por alguns membros do grupo e por ele próprio, sobre o estado do Selvagem. Depois de salientar características do garoto, o já famoso médico passa a compará-lo com os alienados internos em Bicêtre, concluindo que ele havia sido abandonado por ser idiota e que não haveria possibilidade de educá-lo. Itard, presente a essa sessão, interessa-se pelo jovem e assumirá uma posição contrária, em muitos pontos, à de seu mestre ao defender a ideia de integrá-lo à sociedade por meio de um programa educacional. A partir de princípios epistemológicos semelhantes aos de Pinel, Itard presumiu que o estranho estado em que se encontrava o garoto se devia à privação do contato social. Assim sendo, por determinação do governo que assumiu os custos do menino no Instituto, Itard passou a se encarregar direta-

mente de sua educação moral e intelectual, sendo auxiliado nesta tarefa, pela Senhora Guérin, governanta igualmente mantida pela Administração, que foi residir, junto a Victor e a Itard, no referido Instituto. Dessa forma, o menino que, na primeira etapa de vida nesse local, ficara abandonado a si mesmo, de dia a vagar nos jardins e, de noite, fechado em um quarto, apesar das tentativas de Sicard em iniciá-lo na língua de sinais (Duché 1988), tornou-se objeto de uma atenção especial, visando torná-lo apto a viver em sociedade.

Foi assim mantido no Instituto por dez anos, ao término dos quais, dado o estágio estacionário de seus progressos, o desalento do preceptor e os inconvenientes causados por sua presença à instituição, foi entregue definitivamente aos cuidados da Senhora Guérin. A Administração Pública continuou a custear o jovem e solicitou que a governanta fixasse residência em local próximo para que Itard não perdesse contato com seu aluno; sabe-se, porém, que o médico já não se interessava por Victor, que veio a falecer no início de 1828, com quarenta anos aproximadamente. Em um dos últimos relatos de que se tem notícia, datado de 1817, diz-se que “ele permanece amedrontado, semisselvagem, e não pode aprender a falar, apesar dos esforços realizados para tanto” (Virey 1817 [2004, p. 579]). Por sua vez, Itard passou a dedicar-se à educação de surdos, defendendo o chamado “oralismo”; segundo um relatório que escreveu em 1825 (conferir Lane 1976), Itard admitiu que sua experiência na educação de Victor influenciou sobremaneira seu trabalho com surdos. Ele também empreendeu investigações no campo hoje conhecido como o da Otorrinolaringologia e continuou seu trabalho a respeito da linguagem e seus “distúrbios”, como o “mutismo” e a gagueira. Ao falecer, em 1838, o médico, que não deixou herdeiros, doou sua fortuna pessoal para o Instituto onde trabalhara durante décadas.

Os relatórios e suas repercussões

Separados por cinco anos de intervalo, os dois escritos redigidos por Jean Itard constituem peças complementares para apreciar essa experiência de educação nas suas peculiaridades e, ao mesmo tempo, suscitar reflexões sobre desenvolvimento, aprendizagem e a educação, de um modo mais geral. Em gênero narrativo – na primeira pessoa do singular – ele relata suas práticas, nas quais se destacam, além das ações realizadas, as intenções do educador, seus questionamentos e hipóteses, bem como as condutas do aluno e as interpretações do narrador.

O primeiro Relatório (*Mémoire*) *Da educação de um homem selvagem ou dos primeiros desenvolvimentos físicos e morais do jovem selvagem do Aveyron*, relativo a nove meses de trabalho, é dirigido à *Société des Observateurs de l'Homme*, onde foi apresentado em outubro de 1801. Neste texto, o médico remete à história da captura do garoto e delineia o estado em que fora encontrado, referindo-se ao exame realizado por Pinel; logo após, expõe os cinco objetivos que pautaram seu programa de ensino, descreve, detalhadamente, suas ações e o percurso do menino em relação a cada meta proposta. O tom predominante é de entusiasmo e otimismo, transmitindo confiança nos métodos aplicados e na capacidade do aprendiz.

O *Relatório feito à Vossa Excelência o ministro do interior, sobre os novos desenvolvimentos e o estado atual do selvagem do Aveyron* –, apresentado em 1806, é destinado a prestar contas da situação do menino ao Ministro do Interior, que ameaçava interromper o custeio do trabalho educativo com o jovem. O tom de desânimo transparece, logo no início: “Falar-lhe do Selvagem do Aveyron é reproduzir um nome que hoje já não inspira nenhuma espécie de interesse; é lembrar-lhe um ser esquecido por aqueles que se limitaram a vê-lo, e desde-

nhado por aqueles que acreditaram julgá-lo” (p. 218*).¹ O otimismo dominante no primeiro escrito cede lugar à dúvida quanto à possibilidade de êxito da empreitada, mas atribui os fracassos do jovem mais aos desacertos do professor do que à incapacidade do garoto. O relatório impressiona o Ministro que prolonga o financiamento e promove a publicação do texto, para que este pudesse ser amplamente apreciado e discutido pela comunidade científica da época.

É digno de nota que os escritos e o nome de Itard tenham conhecido sucessivos eclipses seguidos de redescobertas (conferir Brauner 1988). Após seu desaparecimento, o editor da segunda edição póstuma do livro de Itard – *Traité des maladies de l’oreille et de l’audition* (1842) – decidiu republicar, como anexos, os dois textos sobre o Selvagem, o que favoreceu a divulgação dessa experiência. Segue-se um período de silêncio em torno dos mesmos até o final do século XIX, quando voltam a aparecer em nova publicação em 1894, graças a Bourneville, educador ligado ao campo da deficiência mental. Nessa mesma época, seu nome é lembrado na Itália em um Dicionário de Pedagogia e a jovem médica Maria Montessori (1870-1952) entusiasma-se, então, de tal forma pelos relatórios de Itard que os recopia à mão. Em 1914, o nome de Itard é mencionado, em uma tese de doutorado na França sobre a educação médico-pedagógica, como um predecessor de Séguin, seu discípulo, que se dedicou à educação dos deficientes. Ao lado de nomes ligados à educação, sobretudo à chamada educação especial, Itard será lembrado, nos Estados Unidos, por psicólogos – Gesell (1941) entre outros – em um momento em que se reaviva um clima em torno do estudo de crianças selvagens.

Com a constituição do campo da psiquiatria e psicanálise infantil, Victor e seu mestre passam a ser objeto de

1. As referências acompanhadas de asterisco dizem respeito aos textos de J. Itard, publicados neste volume.

interesse de representantes desta área; é assim que Léo Kanner, nos Estados Unidos, descreve, em 1943, o quadro de “autismo infantil precoce”, emprestando o termo “autismo” ao suíço Bleuler e apontando Itard como um precursor desse domínio de investigação (conferir Kanner 1960). Pouco mais tarde, aparece o livro de Lucien Malson – “As crianças selvagens: mito e realidade” – contendo os escritos do médico-pedagogo e, no ano seguinte, o psicanalista Octave Mannoni (1965 [1969]) redige um texto que se tornou um clássico a respeito de Itard. Merece também ser mencionado o livro de Harlan Lane “The wild boy of Aveyron” (1976), publicado nos Estados Unidos, que amplia a discussão sobre Itard e o Selvagem, sobretudo no terreno da educação de surdos.

O filme de Truffaut

Para além do estrito meio de profissionais relacionados ao campo educacional, o trabalho de Itard tornou-se conhecido de um amplo público, graças ao importante filme “O garoto selvagem” (*L'enfant Sauvage* 1970) de François Truffaut, um dos diretores mais festejados da Nouvelle Vague francesa, que havia já sido premiado no Festival de Cannes por “Os incompreendidos” (*Les quatre cents coups* 1959). Truffaut escreveu o roteiro do filme baseando-se não apenas nos escritos de Itard, mas também em Condillac, além de ter visitado instituições de autistas e entrevistado médicos, psicólogos e educadores. Um primeiro roteiro, muito longo, foi reduzido e modificado, de forma que o resultado tornou-se “denso, tenso, rigoroso, lógico, científico, portanto, poético”, segundo Truffaut (Baeque e Toubiana 1996, p. 380). Quanto aos dois personagens principais, após múltiplas entrevistas e fotografias de 2500 crianças, a escolha do menino recaiu sobre um jovem de origem cigana

de 12 anos – Jean-Pierre Cargol – que nunca havia trabalhado em cinema; segundo o diretor, o jovem escolhido “é um menino muito bonito, mas que tem um ar de quem saiu da floresta” (*ibidem*, p. 384) e, além do mais, possuía agilidade e sensibilidade para bem desempenhar o papel de Victor. Para compor Itard, depois de algumas hesitações, Truffaut decide atribuir a si próprio esse papel, sendo a primeira vez que surgirá como ator. O resultado do encontro desses artistas, fotografados em preto e branco pelo premiado Nestor Almendros, composto por belas cenas internas em aposentos de época, além de outras filmadas no próprio Instituto onde Victor viveu, ao som de música de Vivaldi, é de intensa beleza e poesia. Contrariamente ao esperado, o filme obteve um grande sucesso e suscitou interesse notável, principalmente nos meios acadêmicos – universidades e instituições de nível superior. O próprio Truffaut comparecia às sessões de apresentações, realizadas em vários países da Europa, para participar de entrevistas e de debates.

Vale ressaltar que o tema da infância infeliz, (re)tratado em outros filmes de Truffaut, era caro ao cineasta, já que relacionado às suas próprias experiências. Tendo sido marginalizado durante a infância e adolescência, tornou-se um generoso militante de organizações preocupadas em amparar crianças abandonadas ou maltratadas, pois, para ele, a criança não tem proteção e permanece diretamente submetida a seu meio, mesmo se este é violento ou abusivo. Ele que, suportando mal o ensino escolar, havia se tornado um autodidata, decidido a ler três livros por semana e a ver três filmes por dia, confiava no poder da “aprendizagem da cultura”. Ao dar vida ao médico-pedagogo, Truffaut se apresenta como um transmissor da cultura e como um preceptor de um indivíduo que, como ele, fora negligenciado durante a infância. Para os que assistem ao filme, as imagens de Itard/Truffaut permanecem para sempre ligadas, confundindo-se uma com a outra.

Em pleno século XXI, o caso de Victor, o Selvagem do Aveyron, não cessa de intrigar os espectadores do filme de Truffaut e os leitores dos escritos do professor Itard, que aí encontram farto material de reflexão a respeito de questões clássicas e de grande interesse: a defesa de posições epistemológicas inatistas *versus* empiristas, a (des)continuidade na evolução do animal/homem e a relação com o homem “primitivo”, a parte do biológico e do cultural na constituição humana, as relações entre língua(gem) e pensamento/conhecimento, as concepções de sujeito e de linguagem, a aquisição da linguagem oral e a aprendizagem da escrita, a relação mestre-discípulo, o *savoir-faire* no campo educativo, particularmente, no que hoje se denomina “educação de crianças com necessidades educativas especiais”.

Alguns desses temas surgem na primeira parte desta publicação – “Ensaio”, dedicados a comentar, apresentar, discutir e problematizar, de várias formas e em diferentes estilos, possíveis leituras dos textos de Itard, bem como do filme de Truffaut.

Dois ensaios procuram situar as discussões na época na qual se deu esse fato, sublinhando, através dos modos de fazer do mestre com seu discípulo, as marcas de ideias predominantes naquele momento, no meio científico e filosófico. De fato, se as práticas de Itard parecem estranhas aos olhos do estudioso de nosso tempo, mister é contextualizá-las, procurando compreender como se sustentam com base nos saberes de então. Carlos Rafael Luis, em *O silêncio do Homem Natural*, traz elementos da ciência da linguagem e da teoria dos signos da época do Iluminismo que orientaram tanto as estratégias de Itard que visavam induzir a linguagem de seu discípulo, quanto as avaliações do mestre sobre avanços ou recuos desse processo. Luci Banks-Leite, em *O projeto científico de educação do garoto selvagem: perspectiva histórica e reflexões para o presente*, examina ideias fundamentais da

empreitada de Itard, realçando sua fé nos novos modos de se elaborar a ciência, agora respaldada em observações e em experiências, e nos conhecimentos aportados pela Medicina e pela Metafísica, com vistas à elaboração de um programa educativo, com metas previstas para civilizar o jovem selvagem; abre-se, então a questão sobre o quanto uma crença cega, pouco crítica nesses conhecimentos, teria impedido Itard de enxergar indícios, sinais e possibilidades de real avanço no jovem que tem à sua frente.

As contribuições de Leandro de Lajonquière e de Anne Goliot-Lété e Sophie Lerner-Seï apresentam-se permeadas de referências à Psicanálise, ciência que se desenvolveu a partir de Freud e cuja elaboração iniciou-se um século após o trabalho de Itard com o Selvagem. Lajonquière, em *O Selvagem poderia ter falado? Ou das condições estruturais de uma educação*, estabelece pontos de comparação entre o caso do jovem do Aveyron com a conhecida e bem documentada história do século XX, qual seja, a relação de Helen Keller com Anne Sullivan. Com base nos escritos das duas protagonistas e também no belo filme de Arthur Penn – *Milagre no Alabama*, que Truffaut teria assistido ao preparar o roteiro de *O garoto selvagem* (Baeque e Toubiana 1996), o autor sugere respostas a uma pergunta fundamental: por quais razões um dos tratamentos apresentou resultados notáveis, surpreendentemente positivos no que diz respeito à aquisição de línguas, como no caso de Helen Keller, diferentemente do que ocorreu com Victor? Goliot-Lété e Lerner-Seï, em *Olhares cruzados sobre a educação de um Selvagem: Itard (1801) – Truffaut (1970)*, consideram em conjunto os escritos do médico e o filme, em uma análise que denotam seus respectivos campos de trabalho: Ciências da Educação e Estudos Cinematográficos. É o texto que mais se aprofunda na análise do conteúdo e das imagens do filme, ao trazer referências menos conhecidas entre nós, e revelando afirmações do próprio Truffaut, bem como dos críticos, comentaristas e estudiosos do cinema. Ressalta ainda o tratamento concedido por Truffaut ao papel da Senhora Guérin, que surge de

maneira secundária no filme, ao contrário do que ocorre nos textos de Itard, e isto por razões aventadas pelas autoras.

Os dois outros estudos se ancoram, primordialmente, em perspectivas que têm fornecido sustentação para muitos estudos na área da educação e no campo da psicologia: a teoria do psicólogo francês Henri Wallon e a perspectiva histórico-cultural, cujo representante mais importante é o russo Lev Vigotski. Izabel Galvão e Heloysa Dantas, em *A educação de Victor de Aveyron: do isolamento da floresta ao isolamento em sociedade*, empregam a teoria walloniana como instrumento de análise desta experiência de educação, apontando como as convicções teóricas de Jean Itard se, de um lado, lhe forneceram o ponto de partida necessário para intentar a tarefa, de outro, representaram um obstáculo para a apreensão da importância da dimensão afetiva e expressiva no processo de (re)humanização do garoto selvagem. Mesmo que buscando situar as escolhas de Itard no contexto histórico e social em que viveu e atuou, as autoras mobilizam ideias e conceitos inexistentes na época para analisar essa experiência de forte valor heurístico para pensar desafios atuais da educação. Em *Itard e Vigotski: Um diálogo possível?*, Ana Luiza Smolka e Débora Dainez ampliam o debate ao levantar perguntas sobre o desenvolvimento humano e sua relação com a linguagem e focalizam elementos para se pensar e discutir o “tornar-se humano” com base em estudos recentes, sem negligenciar as vicissitudes da educação de crianças com necessidades especiais no mundo atual. Inspirando-se no trabalho de Itard e nos problemas discutidos naquele momento, trazem à baila contribuições de notáveis autores do século XX, principalmente os das áreas da Neurologia, da Psicologia e dos Estudos da Linguagem. Apontam, particularmente, para os aportes de pesquisadores como Vigotski, Luria, Bakhtin no que diz respeito à relação linguagem e pensamento, para então analisar uma situação ocorrida em uma escola pública, envolvendo um jovem com síndrome de Down. Levantam, ainda, possíveis analogias entre ideais de

Itard e de Vigotski, salientando pontos da atuação do médico com o garoto que demonstram sua sensibilidade em relação às possibilidades de desenvolvimento e uma capacidade de examinar sua própria atuação, face à rude tarefa que decidira enfrentar. Assim sendo, além de tratar da linguagem, dos significados e sentidos do que se diz e do que se faz, as autoras problematizam questões cruciais no âmbito da educação e do convívio humano.

Claro está que há inúmeras inter-relações e possibilidades de diálogos entre esses ensaios, uma vez que alguns se complementam em alguns pontos, mas também se distanciam em outros, em decorrência das variadas leituras e interpretações possíveis de uma obra inesgotável. Por isso mesmo, muitos temas poderiam ainda ser abordados, sejam decorrentes das novas leituras das ideias e das práticas de Itard – como, por exemplo, a grande importância que teve seu trabalho na elaboração de métodos de ensino, material escolar, como se nota na perspectiva de Maria Montessori – sejam outros que se desencadeiam ao se refletir sobre os grandes problemas da atualidade em meio a novos desafios advindos de um amplo espectro de crianças e jovens a serem educados em um mundo em rápida transformação, no qual a alta tecnologia é preponderante e interfere, quer se queira ou não, em todas as esferas da atividade humana. Assim sendo, fica o convite – e o desejo – de que a leitura desses textos produza efeitos que levem ao surgimento de novas propostas e estudos no campo educativo.

As traduções de trechos ou citações de obras referidas nos ensaios, inexistentes em português, são de responsabilidade dos próprios autores.